

CUIDANDO DO GESTOR/ EDUCADOR/CUIDADOR

Adriana Rosmaninho Caldeira de OLIVEIRA*
Dulcinéia de Fátima Ferreira PEREIRA**

RESUMO: Temos vivido um período de grandes turbulências. A competitividade do mercado, a violência, o medo do desconhecido afastam as pessoas, silenciam as palavras, estancam os movimentos, a falta de cuidado, de zelo pelas coisas simples da vida, tem gerado um sentimento de impotência. Por trás dos muros das escolas muitas pessoas estão adoecendo por conviverem com tanto descaso e descuido. Mas... se a educação é uma possibilidade de cuidado, de encontros humanos, por que nos prendemos aos desencontros, conflitos, disputas de poder... por que os profissionais da educação estão adoecendo? O que será que está doendo? Estas perguntas começaram a nos rodear... e no decorrer de alguns anos de vivências, observações, estudos, algumas pistas foram aparecendo. Os(as) gestores(as)/educadores(as)/cuidadores(as), durante anos, têm dedicado tempo de suas vidas cuidando dos outros, e com o passar do tempo sentem “na carne” marcas da falta que faz cuidar de si. Sentem também o descaso das políticas públicas com a educação e com os profissionais da educação. Inconformadas com este contexto de sofrimento e sabendo que, muitas vezes,

* UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. Departamento de Ciências Humanas e Educação. Sorocaba – SP – Brasil. 18052-780 – adrianacaldeira@ufscar.br

** UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. Departamento de Ciências Humanas e Educação. Sorocaba – SP – Brasil. 18052-780 – dulceferreira@ufscar.br

curamos nossas dores cuidando da dor do outro, criamos o projeto de extensão *A gestão escolar a partir do princípio do cuidado*. Desejávamos que gestores(as)/educadores(as)/cuidadores(as) se reconhecessem como humanos que necessitam de cuidado. Que se permitissem serem cuidados, que vivenciassem a experiência do cuidar de si para poder cuidar do outro. Movidos pelas danças circulares, vivências dialógicas, escuta sensível, durante encontros intensos cuidando do cuidador, pudemos nos deparar com surpresas... é o que desejamos compartilhar neste texto.

PALAVRAS-CHAVE: Gestor escolar. Educador. Cuidador.

Vivemos um período de grandes transições; a competitividade do mercado, a violência e o medo do desconhecido afastam as pessoas, silenciam as palavras, estancam os movimentos e acabam produzindo um sentimento de impotência, incapacidade, inexistência.

São tantas informações inúteis e fúteis que despejam em nossas cabeças, que acabamos por banalizar a vida e passamos a encarar como natural a exclusão, a solidão e o sofrimento humano. São famílias inteiras morando na rua, pedindo ou catando lixo para sobreviver, ensinando a seus filhos que esta é a opção que lhes resta: contentar-se com os restos da globalização.

Sofremos uma terrível deformação, um pavoroso empobrecimento histórico que nos levou a um nível jamais conhecido de analfabetismo afetivo “[...] que dificulta compreender as raízes de nosso sofrimento. Analfabetismo que nos impede de encontrar chaves para melhorar nossa vida cotidiana.” (RESTREPO, 2001, p.20). São pessoas que, com tantas informações, com padrões de vidas inatingíveis, estão perdendo o endereço e sofrendo as consequências do descuido com a vida.

Leonardo Boff nos diz que

[...] há uma generalização do descuido e descaso com a vida. Crianças são usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Há um descuido e um descaso manifesto pelo destino dos pobres e marginalizados. [...] Há um descui-

do e um descaso imenso pela sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões e milhões de excluídos do processo de produção. [...] Há um descuido e um descaso pela coisa pública. [...] Há um abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade. (BOFF, 2001, p.18-19).

Adalberto Barreto vem nos dizendo um dito popular que quando a boca cala o corpo fala. É o que temos visto, neste cenário de sofrimento, muitas pessoas estão adoecendo. Na educação a situação não é muito diferente:

Investigações recentes demonstram que a piora progressiva das condições de trabalho docente tem criado um novo tipo de síndrome que afeta os trabalhadores e as trabalhadoras da educação: o burnout, também conhecido como síndrome da desistência. Diante das dificuldades cotidianas que devem enfrentar na escola, os docentes vão sendo encurralados entre o que desejam e o que realmente podem fazer, entre a vitória e a frustração, entre as possibilidades e os obstáculos. Nestas condições, o sentido do trabalho educacional vai se perdendo, o desencanto vai apoderando-se da ação e o ceticismo, oculto atrás de um suposto realismo, leva a muitos a reconhecer que qualquer esforço para mudar é inútil. (GENTILI; ALENCAR, 2001, p.19).

Infelizmente, a “educação bancária” tão discutida e questionada há mais de 35 anos pela Pedagogia do Oprimido está mais viva do que nunca nas escolas de hoje. Muitos educadores, em lugar de comunicar-se com os educandos, fazem “comunicados” e “depósitos”. Os educandos são encarados como meros objetos. Recebem, nem sempre de forma tão paciente, os conteúdos. Devem memorizar e repetir, mas nem sempre o fazem. Aqui começa a nascer um conflito que pode se transformar em diversas formas de violência.

Na “Educação bancária”, o que existe são práticas narradoras e dissertadoras. A “[...] narração de conteúdos que [...] tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que

implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos.” (FREIRE, 1987, p.57) impede o nascimento da experiência como vivência criativa. Não existe busca nem para o educando, que está ali para receber as ordens e os conteúdos, e nem para o educador, que já sabe tudo o que deve ser ensinado.

Agindo assim, “[...] educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber.” (FREIRE, 1987, p.58). Nessa forma de educação existe um distanciamento entre educador e educandos. Muitas vezes, sem falar, dizem quem é o melhor, o mais bonito, classificam, separam, escancaram as desigualdades...

O medo¹ de perder o poder sobre a classe acaba por afastar os educadores dos educandos. No entanto, a tentativa de manter o controle do grupo, através da disciplina dos “corpos dóceis”² sob o poder do discurso e do conteúdo, não tem funcionado tão bem assim. Os educandos estão ali com o corpo todo, não somente com a cabeça, os olhos e ouvidos, como muitos gostariam.

Como geralmente as práticas escolares desconsideram o corpo, julgamos ser interessante trazer para esta nossa reflexão uma bela contribuição de Regina Leite Garcia sobre o corpo na escola:

O corpo fala, o corpo cria, o corpo pensa [...], o corpo traz uma história, uma espécie de memória que está impregnada nos músculos, nos tendões, nos órgãos, no padrão de respiração. Memória afetiva dos tempos de infância, memória muscular do desenvolvimento motor nos primeiros anos de vida, e também memória de cada tombo, cada salto, cada cambalhota, cada dança. [...] Assim, o corpo fala. Ele fala, ou seja, traduz, toda essa história de vida, e fala dos desejos e limites atuais.

¹ O medo é um sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário. Medo de enfrentar a tempestade. Medo da solidão. Medo de não poder contornar as dificuldades para, finalmente, entender um texto. A questão que se coloca não é, de um lado, negar o medo, mesmo quando o perigo que gera é fictício. O medo, porém, em si é concreto. A questão que se apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço.” (FREIRE, 2000, p.39).

² Foucault (1977).

Fala através do volume do som da voz, dos tiques e cacoetes, do jeito de baixar a cabeça, do nível do olhar voltando sempre para o chão, para frente ou para o alto; [...] ele fala de diversas transformações que estão ocorrendo o tempo todo, exatamente porque consiste numa estrutura dinâmica. Nenhum corpo é assim ou assado, todos estão.

Então... o corpo cria. Cria a si mesmo quando refaz suas estruturas, quando se modifica, quando metaboliza alimentos. Cria as relações à sua volta, quando ocupa um lugar no espaço, se achata ou se expande, quando se expressa de forma verbal e não verbal. Cria tensões e desejos, de alcançar algo, tocar em algo, tocar em alguém, retrain, agredir, fugir, acarinhar. Cria situações expressivas quando dança, canta, representa, gesticula, imita, mimetiza. E cria fatos. Gera conhecimento. Gera emoções. Cria doenças. Cria saúde (GARCIA, 2002, p.25).

Por desconsiderar as pessoas na sua especificidade, na sua capacidade criadora, a escola vai contribuindo para que a potência de vida dos educandos e educadores enfraqueça. Diversas são as formas de atuação da escola que vai gestando o silenciamento, a humilhação, inferiorização, a desvalorização da cultura, da classe social, da cor, do gênero. As pessoas iniciam um processo de sofrimento e, se não conseguem dar linguagem a este sofrimento, o corpo fala.

Nessa política da “guerra” dentro da escola, gestores/educadores e educandos sentem-se impotentes, estão sós, órfãos. Órfãos do Estado e de si mesmos, passam horas dentro do mesmo espaço como se fossem várias ilhas em um arquipélago, com permanentes tremores subterrâneos que os ligam. A crise se instala.

Como disse Adalberto Barreto (2008, p.122) “[...] crise é a exaustão de um modelo de interação, de um modelo de comunicação, quer seja afetivo, econômico, político ou religioso, em função de um contexto sempre em mudança.” E segue dizendo que toda crise é um sinal vermelho! A natureza e o nosso corpo estão cheios de sinais, às vezes não sabemos ler. Precisamos aprender a ler o que nosso corpo está tentando nos dizer, além das aparências.

Mas... na solidão, educadores protegem-se de ataques que possam vir, construindo barricadas³. Impedindo, no fundo, o que mais desejam e precisam: a acolhida, a tolerância, o cuidado. Sabemos que “não é fácil durante a guerra relaxar e abrir o punho para deixar ler a palma da mão” (BARON, 2004, p.63).

Como educadoras, nós também sentimos no nosso corpo que precisamos, urgentemente, reinventar o modo de ser e estar na educação. Sonhamos com uma escola que cuide da vida e não a que produza a morte. “Sonhamos com uma escola pública capaz, que se vá construindo aos poucos num espaço de criatividade. Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez.” (FREIRE, 1995, p.24). Uma escola, onde o gosto e a alegria por conhecer e criar sejam parte do projeto político e pedagógico e o cuidado com a vida um princípio. Então, nos deparamos com o desafio de vivenciar o princípio do cuidado na educação. Compartilhamos com Freire (2000, p.63) quando ele diz que

É me dando plenamente à vida e não à morte – o que não significa, de um lado, negar a morte, de outro, mitificar a vida – que me entrego, disponível, à alegria de viver. E é a minha entrega à alegria de viver, sem que esconda a existência de razões para tristeza na vida, que me prepara para estimular a luta pela alegria na escola.

Mas... se a educação é uma possibilidade de cuidado, de encontros humanos, se educar é um processo de criação, de reinvenção de si e do mundo, e ensinar é uma experiência dialógica, porque nos prendemos aos desencontros, conflitos, disputas de poder... por que os profissionais da educação estão sendo aco-

³ Barricada: “A subjetividade de resistência que se localiza entre ‘duas vozes’ em autodefesa ao perigo do mundo explorador. Uma pública, externa, defensiva, opositora e retórica ‘voz’ de acusação, raiva e resistência coletiva unificada; e uma íntima, interna reflexiva, poética ‘voz’ da autodúvida, medo, vulnerabilidade, questionamento, empatia e necessidade individual.” (BARON, 2004, p.419).

metidos pela *síndrome de burnout*? O que será que está doendo? Estas perguntas começaram a nos rodear... e no decorrer de alguns anos de vivências, observações, estudos, algumas pistas foram aparecendo.

Os gestores/educadores são cuidadores, pessoas que lidam diretamente com o cuidar durante anos. Dedicam tempo de sua vida cuidando dos outros, mas quem cuida do educador/gestor/cuidador? Será que eles conseguem cuidar de si? Com o passar do tempo começam a sentir “na carne” marcas do descaso consigo mesmos e das políticas públicas com a educação, com os profissionais da educação e com a “casa escola”.

Este sentimento de abandono não passa despercebido nos corpos dos gestores/educadores/cuidadores. Alguns conseguem fazer desta dor uma pérola e se transformam em profissionais zelosos, cuidadosos, criativos, democráticos.

Sabendo, por experiências próprias, que muitas vezes curamos nossas dores cuidando da dor do outro, criamos o projeto de extensão: *A gestão escolar a partir do princípio do cuidado*.

O que nos mobilizou e ainda nos mantém nesta ação é ter participado, por muitos anos, em projetos de Educação Popular e outras experiências comunitárias envolvendo educação e saúde, tendo Paulo Freire como apoio. Ter conhecido a Terapia Comunitária e ter vivenciado o curso Cuidando do Cuidador, com o prof. Adalberto Barreto, em Fortaleza, além do nosso desejo de resistir ao modelo de racionalidade ocidental, à política neoliberal e à lógica do mercado que quer nos transformar em meros consumidores e o gestor em mero burocrata, controlador.

Comprometemo-nos com o cuidar de nós, do outro e do mundo. Lembrando que “[...] cuidar é mais que um ato; é uma **atitude**. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma **atitude** de ocupação, preocupação de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” (BOFF, 2001, p.33).

O cuidado é uma necessidade humana. Segundo Boff (2001), sem ele deixamos de ser humanos; se não recebermos cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano se desestrutura, defi-

nha, perde sentido e morre. Por isso o cuidado deve estar presente em tudo.

Esta é a razão pela qual o verdadeiro compromisso, que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tampouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho comprometido e aquele com quem se compromete a incidência de seu compromisso. Isto seria anular a essência do compromisso, que, sendo encontro dinâmico de homens solidários, ao alcançar aqueles com os quais alguém se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso. (FREIRE, 1983, p.19).

Lançamo-nos em um movimento de procura. Como colocar a nossa vida a serviço da vida? Como contribuir para que gestores/educadores/cuidadores se reconhecessem como humanos que necessitam de cuidado, e que se permitissem serem cuidados, que vivenciassem a experiência do cuidar de si, cuidar do outro e do mundo?

Cuidar do encontro humano, encontro de pessoas, de vidas é cuidar da convivência, do **viver-com**, enfim é tentarmos recriar o **como viver com o outro**, o **diferente** e, às vezes, o **divergente**. Experimentar a convivência é uma possibilidade de superarmos as relações superficiais influenciadas e controladas por modelos de vida apresentados pela mídia, pelo padrão global de viver⁴.

Fizemos o convite:

⁴ Segundo Baron, (2004, p.57), “[...] o neoliberalismo é perigoso porque entende e utiliza a nossa subjetividade como base de sua propaganda e tem novas armas culturais para implementar suas estratégias de manipulação: as tecnologias de informação, edição, divulgação e sedução, que transformam o espaço público em espaço íntimo e o espaço íntimo em espaço público. Por meio da visualização, dramatização, erotização de nossas necessidades humanas em cada espaço existente – desde as enormes paredes dos edifícios até o visor do celular – seus conceitos e valores de competição, desumanização, vaidade e privatização penetram e colonizam não somente nosso país, nossa casa, nosso quarto, e nossa mente, mas também nossa comida, nosso corpo, nossa imaginação e nosso próprio tesão.”

Se você vier pro que der e vier comigo
Eu te prometo o sol,
Se hoje o sol sair,
Ou a chuva
Se a chuva cair... (AZEVEDO; ROCHA, 1981).

Muitos aceitaram o convite. Assim nos aproximamos.

Movidos pelas danças circulares, vivências dialógicas, poemas, canções e escuta sensível, durante seis encontros intensos cuidando do gestor/educador/cuidador pudemos nos deparar com surpresas.

A aproximação, as canções, as danças, a escuta e o diálogo foram nos aproximando... interagimos, iniciamos um jogo da confiança e do tecer vínculos.

Várias marcas impressas em nossos corpos encontraram espaço para reverberar. Muitas lembranças da infância do que perdemos pelo caminho foram aparecendo.

Silêncios de acolhidas, abraços de apoio, palavras de solidariedade e companheirismos foram surgindo.

A escuta sensível e o diálogo abriram uma imensidade de novas trilhas a serem percorridas. Nesta roda da vida, pudemos transformar os encontros com o outro, numa possibilidade de cuidar de si e do outro.

Abaixo compartilhamos alguns depoimentos de gestores/educadores/cuidadores que participaram do curso:

DEPOIMENTO 1

Fizeram-nos viajar em um curso de formação totalmente diferente do que conhecemos. O que será que tinham na cabeça? Mudar as regras do jogo, assim? O curso ensinou-nos que os sapos ficam mais fáceis de serem engolidos quando os engolimos em grupo. O maior desafio para nós agora é inovar, é deixar o olhar do cuidado se apoderar das nossas ações e buscar novas atitudes, trazer o novo para dentro do antigo sistema educacional imutável que vemos há anos. As novas fórmulas nascerão daí. Fórmulas para se sorrir melhor. Para tratar melhor as nossas vidas. Para simplificar nosso cotidiano

e atender nossos sonhos. Ah... Como sonhamos! Que sonhos são esses? Que vida é essa? A lei era manter um olhar infantil para as coisas adultas! Ter um cuidado de criança sobre os velhos brinquedos... Alimentar a alma com o espírito pueril... Enfim... Viver intensamente... Deixar a vida cotidiana cuidando dos negócios e a juventude cuidando de nós.

Tempo bom... Dançamos sem preocupações, cantamos, abraçamos nossos amigos, beijamos... Tudo com espírito puro, com almas alegres. Nossos olhares, aqui, refletiam nossas almas com a pureza de um cristal. Nossos problemas... Que problemas? Eles não existiam! Ah... Mas a realidade, essa sim, nos tira o chão, isto é, nos põe o chão. Colocam-nos frente a nós mesmos para realizarmos a tarefa da qual não conseguimos fugir. Ela nos põe frente a frente com a vida, os compromissos, as obrigações, nosso trabalho, nossos filhos, adoráveis compromissos que nos fazem homens e mulheres cada dia melhores com os outros e com nós mesmos.

DEPOIMENTO 2

Recentemente participei de um curso para Educadores. Mais um para enriquecer o currículo. Mas de uma forma simples e aconchegante, tive uma grande surpresa. Dentre tantas reflexões, aprendi a diminuir o passo, percebi a Pedagogia da presença. Como é bom ser humano, sentir, cheirar, beijar, dançar, chorar, se emocionar, abraçar, brincar, cantar, olhar nos olhos. Foi tudo isso que vi, que fiz, que pensei, que amei! Ah, como amei!

Estudamos, refletimos sob outras óticas, outros pensadores e educadores – Fui estimulada a pensar em minha vida através de um poema de Cora Coralina (2001) e vi quantos papéis desempenho. Confesso, senti orgulho de mim. Brinquei de roda, e ouvi o ritmo da música, ensaiei a cadência do passo, e alguém falou – Se você errar o passo, não faz mal! Que delícia ouvir isso. Normalmente nosso cotidiano nos mostra justamente o contrário. Senti-me livre. Eu posso errar! Participei de uma dinâmica que me fez chorar- “Meu anjo falou comigo”. Pensei sobre minha vida, visitei meu coração, meu pen-

samento e resolvi, quero mudar! Desacelerar o passo e brincar de viver. Eu também preciso de cuidado; achei lindo tudo que vi. Um professor que usa fantasias para falar de história, uma educadora que faz ginástica com seus alunos no horário de intervalo, uma diretora que ama sua escola e não quer se aposentar mesmo tendo idade; outra diretora que é presente na vida dos alunos problemas... Um curso que fala da gestão a partir do cuidado e que se utiliza da Pedagogia do afeto. E ao final de cada encontro todos dão e recebem um beijo na face. No mínimo humano, muito humano! Já participei de vários cursos e congressos, mas este vai ficar comigo para sempre porque a vivência do cuidado e do afeto com certeza fizeram a grande diferença.

Todos nós precisamos de cuidados- Não importa a idade. As necessidades mudam, mas o cuidado deve prevalecer.

DEPOIMENTO 3

Voltando a comentar sobre o que vou levar do curso a gestão a partir do princípio do cuidado, fiz um balanço em tudo que estou fazendo e o que posso melhorar, pois cada membro da escola tem seu potencial, tem seu valor dentro da educação e na manutenção da escola, seja ele um inspetor ou quem cuida da limpeza da escola, tento não concentrar tudo na direção/coordenação e passo a delegar funções aproveitando cada potencial. Tenho muitas marcas durante meus anos na educação, todas são necessárias até aquelas que falhei, as marcas anteriores servem para que hoje não cometa os mesmos erros ou mesmo para melhorar algo que no passado não obtive o resultado que queria, juntamente com as marcas acredito que as marcas negativas foram a falta de cuidado com que lidamos com nós mesmos, então hoje com as experiências anteriores nos faz cuidar melhor de cada momento vivido e da nossa vida, de nós mesmos em primeiro lugar. Como no próprio texto de Sueli Rolnik (1993) (Pensamento, corpo e devir) diz que: As marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro. Devemos cuidar sempre da nossa volta, dos

nossos companheiros seja ele de trabalho ou dentro da nossa própria casa, devemos deixar um pouquinho de lado toda essa tecnologia, esse mundo digital e acolher as pessoas de forma carinhosa, agradável, humana.

Nos encontros desse curso pude sentir tudo isso o carinho, o cuidado com cada um, principalmente de vocês que nos deram essa oportunidade de nos alertar sobre essa necessidade de cada um cuidar de si e do outro.

DEPOIMENTO 4

Esta é a pergunta que devemos nos fazer. Como cuidar de nós mesmos? Muitas vezes pensamos em como cuidar do outro, porém não nos damos conta de que não sabemos “nos cuidar”. Cuidar do outro pode ser representado de várias formas. Como fazer um “carinho”, um agrado ou um simples “bom dia” com um sorriso no rosto. Mas, nem sempre isso é o bastante para os outros. Diversas vezes somos cobrados por não dar a atenção que aquela pessoa nos solicita. Com a correria do dia-a-dia, nos percebemos cada vez mais distantes das pessoas (às vezes de nós mesmos) e mais próximos do trabalho. O que acaba valendo mais é o quanto ganhamos pelo trabalho que fazemos, uma vez que “temos muitas contas a pagar”.

Bem, se as pessoas passaram a se dedicar mais ao “mundo virtual”, como fazer para retomar o cuidado com os seres humanos e fazer com que haja uma “preocupação” com o bem estar destes indivíduos? A resposta deve estar dentro de cada um de nós. Se nos preocupamos em ter uma vida de cuidados para conosco, podemos retribuir isso a outros, mesmo que de maneira virtual. Mas devemos nos lembrar de que para cuidarmos bem de outrem, devemos “nos cuidar” primeiro.

E, como cuidar de nós mesmos? Bem, essa resposta está dentro de cada ser que sabe das suas necessidades “bio-psico-sociais”. Devemos nos encontrar, saber o que nos faz sentir bem, pois só desta maneira seremos felizes.

Sessenta educadores se inscreveram para este curso de extensão. Quarenta participaram. Entendemos que cabe a cada um aceitar ou não o convite do encontro consigo e com o outro, com a possibilidade de sair do eixo habitual – o da certeza, do método, das rotinas e lançar-se em novas experimentações.

Podemos dizer que quando o vínculo se constitui, nós nos desarmamos, saímos da solidão e ampliamos os campos de possibilidades para a vida se realizar, reinventamos o nosso modo de viver, aproximamo-nos do nosso próprio estilo. Aqui entra um movimento sutil, delicado e silencioso da conquista, da sedução, que são sustentados pelo princípio do cuidado. Os gestos mais simples, a forma de olhar e a delicadeza de um cochicho, a forma como arrumamos a sala para acolher vão dizendo às pessoas que sejam bem vindas.

Estes encontros nos revelaram que o cuidar do gestor é essencial para a saúde da vida na escola. Sem alarmes, sem barulho, sem imposições, vivenciamos esta experiência que nos deu pistas de que uma outra forma de viver a educação é possível.

Através do cuidado, de práticas coletivas, dialógicas e criativas poderemos com rebeldia mansa dizer não à mesmice, à repetição, à falta de graça e de gosto que brotam dos lugares mais desconhecidos do nosso ser e do meio onde vivemos e reencontrar a criação como possibilidade de reencantar a vida e então cantá-la novamente.

Partimos do frágil, da dor, do desassossego, do desejo de reinventar-se no mundo. Com simplicidade vivenciamos esta experiência. Sentimos que delicadamente poderemos transformar a escola de concreto, monumento frio e rígido, em um lugar de movimento, de cuidado e afetos. A educação, num lugar assim, poderá ser um acontecimento, lugar de cuidado, alegria e vida.

TAKING CARE OF THE MANAGER/ EDUCATOR/CAREGIVER

ABSTRACT: *It's an era of great turbulences. Market competitiveness, violence, fear of the unknown, all of it makes people away, mute*

words, stagnate movements. There's a general feeling of impotence fostered by some lack of care to the simple things in life. Behind the school walls a lot of people get sick, living with so much indifference. But... if education is a possibility of caring, of human encounters, why do we attach ourselves to non-encounters, to conflicts, to power disputes? Why are education professionals getting sick? What is aching? These questions started to surround us... and through some years of experiences, observations and studies some hunches appeared. The educators/managers/caregivers, through years, has been dedicating much time of their lives to care about each other, and as time passes they feel directly how painful is not taking care of of themselves. They also feel the indifference of the public policies to education and its professionals. Unsatisfied with all this frame of suffering, and knowing that sometimes we heal our pains taking care of each other, we created the project School management under the principle of caring. We wished the educators/managers/caregivers could recognize in themselves humans who need care; that they allow themselves to live the experience of taking care of themselves personally first to then take care of the others. Moved by circle dances, dialogic experiences, sensitized hearing, through intense encounters taking care of the caregiver, we could meet some surprises... and that's what we want to share in this text.

KEYWORDS: *School manager. Educator. Caregiver.*

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, G.; ROCHA, R. Dia branco. Intérprete: Geraldo Azevedo. In: _____. **Inclinações musicais**. [s. l.]: Ariola, p1981. 1 LP. Lado A, faixa 2.

BARON, D. **Alfabetização cultural**: uma luta íntima por uma nova humanidade. São Paulo: Alfarrábio, 2004.

BARRETO, A. de P. **Terapia comunitária**: passo a passo. Fortaleza: LCR, 2008.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e histórias mais.** 20.ed. São Paulo: Global, 2001.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'Água, 2000.

_____. **A educação na cidade.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e mudança.** 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

GARCIA, R. L. (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencanto.** Petrópolis: Vozes, 2001.

RESTREPO, L. C. **Direito à ternura.** 3.ed. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir. **Caderno de Subjetividade**, São Paulo, v.1 n.2, p.241-251, set./fev. 1993.

